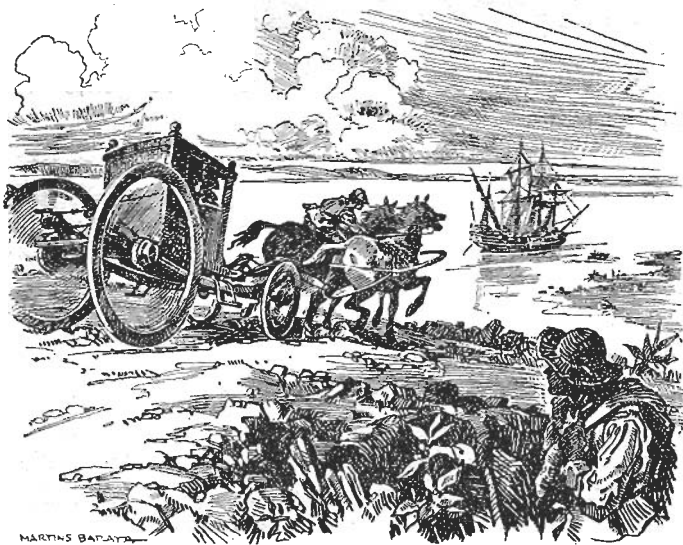


FUGA DO INFANTE
D. MANUEL



Lisboa, 6 de Novembro de 1715.

Deu-se ontem um facto extraordinário que alarmou o Paço e a cidade e que traz El-Rei cheio de cuidado: — desapareceu misteriosamente o Senhor Infante D. Manuel!

Narremos o que se passou, segundo as informações que pudemos colhêr.

Seriam umas onze horas da manhã quando se deu por falta do Senhor Infante, no Palácio da Ribeira. Como se estranhasse estar ainda o seu quarto fechado, foi o jovem Conde da Palma abri-lo e viu, cheio de espanto, que Sua Alteza lá não se encontrava. Chamou outros criados e, pelo exame que fizeram ao aposento, depressa verificaram que o Infante tinha saído pela janela e levava consigo muito fato, pois o guarda-roupa estava despejado. Fugira!

Procedeu-se a pesquisas, interrogou-se gente do Paço e de fora dêle, e, passadas algumas horas, reconstituía-se minuciosamente tudo quanto sucedera. A versão que damos aos nossos leitores é constituída por informes que nos foram fornecidos pelo Conde da Palma — que, visto substituir seu Pai no serviço de Aio dos Senhores Infantes mais novos, se encontra num estado de excitação muito para lastimar; pelo Ex.^{mo} Marquês de Alegrete — que entrou de serviço como camarista de semana logo que acabou o Conselho de Estado, em substituição do Ex.^{mo} Marquês de Marialva; e pelo Sr. D. Estêvão, filho do Ex.^{mo} Conde de Tarouca, consternadíssimo também por seu irmão, o Sr. D. Manuel Teles da Silva, ter acompanhado o Senhor Infante nesta aventureosa viagem. Não podiam pois vir de melhores fontes as informações que vamos dar ao público.

*

Supõe-se que fôsse ainda noite fechada quando Sua Alteza, aproveitando o sono em que a Côrte jazia, de combinação com o seu fiel reposteiro João Henriques do Bem e com um criado inferior, de nome João Pedro, saiu do seu quarto pela janela e ganhou a liberdade. Na rua, esperava-o numa sege o Sr. D. Manuel Teles, na qual todos se meteram e seguiram, velozmente, em direcção a Pedroços. Clareava o dia e gente que se dirigia para a cidade, a essa hora matutina, confirmou ter-se cruzado com a sege dos fugitivos. Mas estava bem longe de supor que dentro dela seguia clandestinamente um irmão de El-Rei Nosso Senhor.

Chegados ao Convento de Santa Catarina de Riba-

mar, quis o Senhor Infante ouvir missa. Como era freqüente a ida do mesmo Senhor ali, a sua presença não levantou suspeitas. Se alguns dos frades sabiam o destino que Sua Alteza levava, fingiram muito bem ignorá-lo... E a sege prosseguiu viagem em direcção a Caxias.

Ora, próximo desta praia estacionava, prestes a fazer-se à vela, a galera inglesa, de seis peças, de nome «Fénix», de que é capitão Mateus Lind e que leva um carregamento de fruta para Amsterdão. Tudo estava industriosamente combinado para que a galera, mal recebesse a bordo Sua Alteza, largasse a todo o pano a caminho do mar. Como fôra feita essa combinação é que não se conseguiu ainda saber, mas suspeita-se da intervenção de certo frei Caetano, que entrava por portas travessas no quarto do Senhor Infante, e de cuja intimidade o Sr. Marquês de Alegrete nos confessou que já procurara desviar seus sobrinhos, o Sr. D. Estêvão e o Sr. D. Manuel, filhos do Embaixador de Sua Majestade na Haia. Quem podia, porém, suspeitar que se tramava coisa de tanto vulto?

*

Para seguirmos o fio dos acontecimentos, regressemos a Lisboa, onde a nova da fuga do Senhor Infante começou a circular pela cidade por volta do meio dia.

Muita gente da plebe acorreu logo às imediações do Paço, com o sentido infantil de ver se descobria indícios do que havia ocorrido; mas nada se passava de anormal. Outra juntou-se na praia dos Remolares e no Alto de Santa Catarina, na mira de enxer-

gar ainda a «Fénix»; a essa hora, porém, já a galera inglêsa se achava fora de vista.

Em Palácio a confusão era grande, todavia ninguém atinava no que convinha fazer: todos os cuidados iam para o modo como se devia comunicar a má nova ao Soberano. O seu furor havia de ser terrível, como de facto foi.

Já quási tôda a gente no Paço sabia o que se tinha passado, menos Sua Majestade. Eram duas horas depois do meio-dia quando o Secretário de Estado, Sr. Diogo de Mendonça, e o Sr. Marquês de Marialva lhe deram conta do que havia sucedido ao Senhor Infante D. Manuel. Encolerizou-se El-Rei em extremo e o seu primeiro impulso foi mandar aviso às Tôrres para não deixarem sair o navio britânico, ainda que com risco da vida de seu irmão. Mas depois recobrou a calma e a ponderação que caracterizam seu real ânimo e mandou reunir imediatamente o Conselho de Estado para o ouvir sôbre matéria tão grave.

No Conselho houve quem entendesse que se devia usar de tôda a violência não só contra o navio mercante inglêso como contra o Infante; porém, venceu a corrente dos que eram da opinião que se usasse de violência só contra o navio e não contra Sua Alteza. E El-Rei abraçou êste último parecer.

Como as fragatas da Coroa andavam fora da Barra à espera da frota que há-de vir do Brasil, convidou-se o capitão do navio de guerra inglêso, que aqui estava para levar D. Paulo Methuen, a sair em perseguição do barco em que seguia o Senhor Infante. Respondeu o capitão muito obsequiosamente que estava pronto a executar êsse serviço, e D. Paulo se ofereceu também para seguir a bordo. Então preguntou El-Rei ao

Conselho de Estado quem queria ir com aqueles senhores. Ofereceram-se logo os Ex.^{mos} Duque de Cadaval, D. Jaime, Marquês de Alegrete e Marquês de Marialva. Escolheu Sua Majestade êste último fidalgo, a quem confiou uma carta autógrafa para o Infante, com exortações ásperas, sem deixarem de ser paternais, a ordenar-lhe que regresse imediatamente a esta Côrte.

E a fragata lá partiu, mas já muito de noite e sem maré favorável, ao passo que a galera, que é muito veleira, apanhou água e vento de feição, e, segundo referiram uns pescadores que andavam na Barra, a meio do dia já estava para além dos Cabos. Poucas esperanças restam, pois, de que se possam executar as ordens de El-Rei.

*

É claro que a fuga do Infante D. Manuel foi ontem o motivo de tôdas as conversas, desde o Palácio Real à mais humilde trapeira. E, em seguida aos comentários, as perguntas que logo tôda a gente formulava eram estas:

— «Porque fugiu o Senhor Infante?»

— «E que destino levará?»

Procuraremos responder a estas interrogações com os dados que pudemos obter, perscrutando, interrogando, interpretando reticências...

De há muito que o Senhor Infante D. Manuel manifestava um desejo imenso de viajar. Queria conhecer mundo e queria talvez seguir as pisadas dalgum seu antepassado, ir até à Hungria combater os turcos que, como se sabe, ameaçam de novo o Sacro

Império Romano. Diz-se agora que Sua Alteza invocava muitas vezes o exemplo do Senhor Infante D. Luiz, filho de El-Rei D. Manuel, que, sem licença de seu irmão, o Rei D. João III, se encorporou no exército do Imperador Carlos V e partiu para Túnis a combater os infiéis. Mas é agora que isso se diz, quando o mal está feito e não será nada fácil remediá-lo!

Já em Março do ano passado, o Senhor D. Manuel pedira a El-Rei licença para sair do Reino (¹). Tinha dezassete anos apenas: seu irmão negou-lha. Em Setembro voltou ao assunto e então — talvez porque Sua Majestade já pensava na grande jornada que está no propósito de realizar — foi-lhe dada autorização e principiaram os preparativos para uma viagem por Espanha, França, Itália e Alemanha.

Mas El-Rei mudou de tenção e depois de ter resolvido levá-lo consigo, parece que ultimamente já nem nessa disposição estava. Isto exasperou Sua Alteza, ao que vinha juntar-se a desconolação de não ter ainda Casa sua, criados privativos que o servissem, e nem sequer aposentos que Sua Alteza achasse condignos da sua idade e da sua jerarquia. Ainda ontem, pessoa digna de todo o crédito nos confirmou o boato de que, há poucos dias, se dera uma altercação violenta entre El-Rei e o Senhor D. Manuel, a ponto de Sua Majestade lhe dar um empurrão. Sentiu-se o Infante vexado porque a cena se passou diante da Rainha Nossa Senhora e de algumas das suas damas, e isto deve ter

(¹) O que vai escrito em itálico foi proibido de se publicar, pela Censura do Santo Officio, do Ordinário e do Desembargo do Paço.

contribuído para que Sua Alteza persistisse ainda com mais firmeza no propósito de sair do Reino.

De resto, hoje, o Paço vive embalado no delírio de viajar. Muitos são os fidalgos que têm partido para o estrangeiro; fala-se em que Sua Majestade vai responder ao apêlo do Sumo Pontífice, enviando uma esquadra em socorro dos venezianos; contra o gósto da Rainha, sua espósa, o parecer do Conselho de Estado e a vontade do Povo, El-Rei persiste em realizar a sua longa peregrinação pela Europa, levando consigo grande parte da nobreza; e até os Senhores Infantes D. Francisco e D. António estão na disposição de viajar também. Que admira pois que o Senhor Infante mais novo, vivo de espírito, como é, amigo de adquirir conhecimentos, valente e ambicioso de colhêr triunfos, de ilustrar por si próprio o seu nome já tão illustre, se sentisse tocado por esta febre que contagia a Córte e a Família Real e quisesse ver mundo, instruir-se e pelejar?

O que poderia era ter ido noutras condições, sem descontentar El-Rei, nem dar tantos cuidados aos que o estimam, que são todos os portuguezes.

Os moiros têm andado tão atrevidos aqui perto da Barra que há motivo para se recear que a fragatã em que Sua Alteza viaja seja por êles atacada. Para mais, se suspeitam da alta personalidade que vai nela! Mas a gente que ontem vimos açodada, em busca de notícias, admira-o gesto do **Senhor Infante** e quási o louva. E correu, não sabemos com que fundamento (queremos bem crer que sem nenhum), que a Rainha Nossa Senhora conhecia os projectos de seu cunhado e que até o incitou a pô-los em prática porque assim, pensava, talvez El-Rei desistisse de seguir um exemplo

que seria obrigado a reprovar... Mas tal não succedeu porque o Soberano persiste em partir para Itália em Maio próximo.

O destino que o Infante leva não deve ser outro do que os Estados Gerais, para daí passar aos exércitos do Imperador. Isto se conclue, em primeiro lugar, de a «Fénix» seguir com rumo a Amsterdão, em segundo, de Sua Alteza levar um crédito de 16.000 cruzados passado pelo Sr. Manuel de Castro Guimarães sôbre um banqueiro de Haia, em terceiro, de o mesmo Senhor ter manifestado várias vezes o desejo de ir combater às ordens do Príncipe Eugénio.

Tanto El-Rei está certo de que é êste o intento de seu irmão que logo ontem mandou expedir correio para o Ex.^{mo} Conde de Tarouca, com severas instruções a-fim-de que obrigue Sua Alteza a regressar ao Reino, ainda que aquêlê embaixador tenha de o acompanhar, e com carta para Sua Majestade o Imperador dos Romanos a rogar-lhe que persuada Sua Alteza a voltar para Portugal.

São estas as notícias que, até à hora de fechar a gazeta, conseguimos obter a respeito da fuga do Senhor Infante D. Manuel.

Logo que tenhamos conhecimento do seu paradeiro, daremos dêle conta aos nossos leitores, que de-certo ficarão ansiosos por conhecer a sorte de tão estimado e valoroso Príncipe.

Deus o acompanhe!